



GEOPOLÍTICA : PROPÓSITOS E TEORIAS DO PODER

Therezinha de Castro

PROPÓSITOS

Não sendo autômato, sem determinação ou vontade própria, o homem goza do dom da liberdade, numa proporção que aumenta na razão direta ao avanço da Ciência e da Técnica; a esse fato chama-se de *possibilismo*. No entanto, tal liberdade é, de certo modo, engenhosamente dominada pela natureza dentro do que se convenção chamar de *determinismo*.

Dentro do possibilismo, os estudos de *Vidal de la Blache*, *Jean Brunhes* e de *Isahiah Bowman* não se integram à Geopolítica propriamente dita, pois não encontramos neles as diretrizes que caracterizam a política e a estratégia empregadas pelo Estado na consecução de seus objetivos.

Vidal de la Blache concebe, no entanto, dentro do seu possibilismo que: "A ação presente e futura do homem,

modernamente, senhor das distâncias, armado com os progressos da Ciência, ultrapassa de muito a ação de seus antepassados. Felicitemo-nos que assim seja, pois a colonização a que assistimos não seria possível se a natureza pudesse impor quadros rígidos, ao invés de dar margem às obras de transformação e de restauração que o homem pode realizar". ("Principes de Géographie Humaine").

Nessa obra incompleta com apenas três partes escritas e outras esboçadas ou planejadas, Paul Vidal de la Blache chega à conclusão e que acima transcrevemos depois de apurados estudos históricos; fatos históricos constituídos pelos transportes de superfície — terrestres e marítimos. Poderia ter chegado à Geopolítica, não tivesse falecido em 1918 sem poder ver o advento da aeronáutica.

Foi, assim, antecedido por um de seus discípulos, Jean Brunhes, que admitia ser a evolução na superfície da Terra

"determinada por fatores complexos que afastam para muito longe as condições geográficas elementares". ("La Géographie Humaine" — 1910).

Os estudos de Brunhes são menos afeitos à Geopolítica que os de Vidal de la Blache e do próprio Isaiah Bowman. Esse geógrafo estadunidense afirma que: "nunca uma civilização declinou por estarem exauridas as possibilidades da Terra. Nenhuma nação desenvolveu plenamente sua base física. A Terra jamais recuou perante o homem, muito embora esse se tenha achado enredado nos efeitos imprevisíveis do seu próprio sistema. O que acontece realmente é que o conhecimento humano, em cada momento da civilização, não é suficiente para o controle da natureza". ("The New World" — 1928).

Dentro do determinismo alemão, sintetizando a Geografia Política para chegar à Geopolítica, coube a *Frederico Ratzel* o mérito de se aproveitar dos estudos políticos e econômicos dentro da base geográfica. Cabendo porém a *Rudolf Kjellen* a concepção restrita da Geopolítica como disciplina de contacto entre a Geografia e a Política.

Para Ratzel, se o estudioso quisesse aprofundar-se mais na formação científica dos Estados teria que se aprofundar nos terrenos da Economia e da Política. Em sua *teoria do espaço vital* sintetizou o crescimento orgânico do Estado afirmando que não haveriam de subsistir os territórios políticos aos quais não se "oferecem ao crescimento razões naturais ou econômicas". Dentro da concepção de Ratzel só "um extenso território, esparsamente povoado, é um grande Estado do futuro".

A história de "lebensraum" ou espaço vital parece ter tido base em sua obra "Os Estados Unidos da América"

(1880). Nesse trabalho, Ratzel destaca os fundamentos do poder estatal e a hegemonia estadunidense no seio da família americana de nações. No entanto, a teoria do espaço vital propriamente dita toma maior desenvolvimento em seu trabalho "Leis de Crescimento Territorial dos Estados Unidos" (1896), ampliando-se e tomando forma na sua "Geografia Política" (1897).

Na "Geografia Política" Ratzel formula as suas *sete leis de crescimento do Estado*, base para uma expansão imperialista, visto que todas induzem à conclusão de que o Planeta Terra é demasiadamente pequeno para mais de um grande Estado, unido ou amalgamado. O estudo do Estado como organismo dinâmico levou Ratzel a formular as seguintes leis:

- 1ª — O espaço dos Estados deve crescer com a cultura.
- 2ª — O crescimento do Estado-Nação segue-se a outras manifestações de crescimento do Povo e deve necessariamente preceder o crescimento do Estado.
- 3ª — O crescimento do Estado manifesta-se pela adição de outros Estados no processo de amalgamação.
- 4ª — A fronteira é o órgão periférico do Estado.
- 5ª — Em seu crescimento o Estado luta pela absorção de seções politicamente importantes.
- 6ª — O primeiro ímpeto para o crescimento territorial vem de outra civilização superior.
- 7ª — A tendência geral para a anexação territorial e amalgamação transmite o movimento de Estado a Estado e aumenta a sua intensidade.

As leis de Ratzel tomaram por base a evolução da situação mundial desde a formação do império de Felipe da Macedônia, chegando até à Alemanha de Bismarck. E, como geopolítico, Ratzel influenciou o geoestrategista Haushoffer, daí haver escrito *Derwent Whittlesey*: "A Alemanha foi a primeira a compreender o valor da estratégia política como auxiliar da guerra e a reconhecer que ela tinha suas raízes na Geografia. A Geopolítica teve como finalidade pôr a Geografia a serviço de uma Alemanha militarizada". ("The Earth and the State" — 1948).

Fiel a essa teoria do espaço vital de Ratzel, *Rudolf Kjellen* concebeu o *Estado como manifestação biológica ou forma de vida*, afirmando textualmente: "Os Estados falam e comerciam, promovem congressos ou lutam nos campos de batalha, invejam-se, odeiam-se ou simpaticizam uns com os outros, atraem-se ou repelem-se e evitam, destruindo-se entre si como plantas vivas de uma comunidade". ("The State as a Form of Life" — 1917).

Em sua concepção de organismo completo, para Kjellen, o território é o corpo do Estado; a capital e os centros administrativos são o coração e os pulmões; os rios e estradas as suas veias e artérias; as áreas produtoras de matérias-primas e alimentos são os seus membros. Ampliando o conceito de Ratzel, Kjellen introduziu a idéia nacionalista. Para o sociólogo sueco, o território e o espaço passam a ser robustecidos com a *inclusão do conceito de nacionalismo*, pois "o Estado é um pedaço de humanidade e um pedaço de território organizado"; assim, "em qualquer lugar em que coexiste um grupo da mesma raça, o Estado poderoso pode e deve ocorrer".

Eis aí o princípio do expansionismo como um dever sagrado, que tanto ro-

busteceu o Nacional-Socialismo ou Nazismo de Hitler. Invocando esse princípio, Hitler começou por englobar os alemães dos Sudetos, depois a Áustria, para complementar seus propósitos, no *Capítulo 14 de "Minha Luta"* Hitler estabelecia:

- nunca permitir a formação de dois poderes continentais na Europa;
- encarar sempre como um ataque contra a Alemanha cada tentativa de organização de um segundo poder militar nos limites da Alemanha.

Aliás, tais propósitos, que se complementam, serviram de base à política externa francesa desde o século XVII através dos tratados de Westfália até 1870, quando não conseguiu mais impedir a formação da unidade alemã e, por conseguinte, a implantação de uma rival na hegemonia continental.

A *teoria nacionalista de concepção do Estado* divulgada por Kjellen se resume em quatro pontos:

- 1º — O Poder Público apareceu para forçar o restabelecimento da ordem cuja finalidade é proteger e garantir o cidadão.
- 2º — O Estado atua diretamente sobre o indivíduo.
- 3º — O Estado é um realizador.
- 4º — O Estado toma iniciativas de cultura política, de previdência social e de gerência de empresas mistas.

Bem analisados, os quatro pontos da teoria nacionalista de Kjellen foram seguidos pela Alemanha Nazista, muito embora, no presente, seja a Rússia Comunista que vem procurando segui-los.

Kjellen foi o criador do vocábulo "geopolítica" e seus estudos se ligavam ao Estado como um fenômeno de espa-

ço, como unidade biológica dotada de vitalidade, ampliada pela noção de povo. Dentro do conceito de poder mundial a nacionalidade transformava-se na expressão da individualidade. E, sem fugir da teoria do "lebensraum" de Ratzel, como adepto de Ludendorf e principais expansionistas da Primeira Guerra Mundial. Kjellen sincronizou o crescimento orgânico do Estado à avidez do espaço dentro da inevitável consequência do fato biológico — o organismo vivo. E, deste organismo vivo, o povo, em consequência de sua função migratória poderia vir a ocupar novos e vastos territórios. Nessas condições, dentro da problemática do poder mundial, foi o idealizador de uma Europa Central sob a direção da Alemanha englobando desde as extremidades setentrionais ou seja, da Noruega até Bagdad, em pleno Oriente Médio. Na atualidade é esta a posição que vem querendo tomar a Rússia.

TEORIAS

O solo, o mar e o ar têm significados distintos para o alemão; para o russo, para o japonês e para o brasileiro; daí haver escrito Haushoffer que "a Geopolítica é tão teutônica quanto os escritos de Bowman, Mahan e Mackinder são anglo-saxões" ("Piedras Angulares de la Geopolítica" — 1928). Tudo se envolve, pois, no princípio de que não existindo nações cujas condições geográficas sejam as mesmas, *existem tantas geopolíticas quanto sistemas estatais existam em confronto*. E no confronto terra, mar e ar, se destacam as teorias geopolíticas do poder.

a) Teoria do Poder Marítimo — Alfred Tyler Mahan (1840-1914)

Almirante estadunidense, Mahan exerceu, de 1890 até o começo da Primeira

Guerra Mundial, *influência marcante na doutrina naval de guerra*. Considerado como o "Evangelista do Poder Naval" foi um dos precursores da Geopolítica.

Sua célebre teoria do poder marítimo baseava-se no fato historicamente comprovado de que o controle dos mares para fins comerciais e militares fora trunfo decisivo em todas as guerras desde o século XVII.

Apenas as reflexões gerais esparsas no seu "The Influence of Sea Power upon History (1660-1783)", publicado em Boston em 1890, sugerem uma doutrina. Isto porque a obra de Mahan estuda, na realidade, as experiências navais; seu objetivo principal não foi o de estabelecer o relacionamento entre a Geografia, a História e a Política, mas sim, o de analisar *os fundamentos da estratégia naval*, mostrando que o poderio marítimo fornece explicações para a maior parte dos acontecimentos históricos.

Em suas digressões mostrava que a Inglaterra com o mínimo de poder militar terrestre, mas com uma frota soberana, obteve sempre a vitória final derrotando seus rivais. Destacando a Inglaterra, Mahan mostrava que *o poder terrestre encontrava obstáculos geográficos que a unidade e mobilidade dos mares superava*. Tornou, por isso, seu o lema de Temístocles, o vencedor de Salamina — "aquele que comanda o mar comanda todas as coisas". E influenciou de certo modo a Ratzel, já que sua obra é anterior à do alemão; confirmando a teoria do almirante estadunidense, dizia Ratzel — "o mar é fonte de poder nacional".

Defendendo sua teoria, Mahan passava do determinismo ao possibilismo ao afirmar que: "a superestrutura dos processos táticos deve ser periodicamente alternada ou substituída; no entanto, os antigos fundamentos da estratégia per-

manecem até hoje, como se repousassem sobre uma rocha". Considerando a guerra como uma arte mais que uma ciência, afirmava, dentro de sua teoria do poder marítimo, que: "o almirante tem menos oportunidade de acertar ou errar que o general".

Sintetizava Mahan sua doutrina em *quatro fatores* que julgava de importância decisiva no desenvolvimento do poder marítimo:

- 1º — Posicionamento e fisiopolítica.
- 2º — Extensão territorial.
- 3º — Aspecto psicossocial, ou seja, população e caráter nacional.
- 4º — Política de governo.

Considerando o poder marítimo intrinsecamente superior ao terrestre, Mahan analisava, em confronto, o posicionamento e fisiopolítica da Inglaterra, França e Holanda. Em seu "esplêndido isolamento" a Inglaterra estava estrategicamente afastada do continente mas podia, pelo posicionamento em relação à Europa, agir contra os portos continentais. Quanto à França, sua desvantagem se encontrava na dupla costa mediterrâneo-atlântica, tendo, pois, que repartir seus meios navais. Estava, por outro lado, soldada ao continente, como a Holanda, não sendo ambas, portanto, beneficiadas pela insularidade como a Inglaterra.

Em se tratando do segundo fator da doutrina Mahan, o da *extensão territorial*, para compensá-la, tratou a Inglaterra de adquirir "glacis defensivos", ocupando posições estratégicas primeiro nos mares interiores e nos estreitos; partindo do Mediterrâneo para o Atlântico e daí para os demais oceanos. No posicionamento marítimo, tanto a França quanto a Holanda levaram grande desvantagem

no confronto com a Inglaterra. Sobre tudo a Holanda que no Congresso de Viena (1815) entregou à Inglaterra a Colônia do Cabo e Ceilão, dois pontos de grande valia estratégica na rota oceânica.

Dentro do *enfoque psicossocial*, Mahan distingue o fato da população francesa apresentar-se com um caráter nacional mais ligado à terra que lhe bastava para a subsistência. Em contrapartida, tanto os ingleses quanto os holandeses, sem espaço territorial que lhes satisfizesse pelo menos o setor alimentar, tinham necessariamente que buscá-lo no mar. O mesmo fenômeno ocorrera entre a Espanha e Portugal, as potências que inauguraram a era oceânica; os portugueses, pela exiguidade de seu espaço e esplêndido posicionamento no Atlântico, lançaram-se muito antes que os espanhóis ao mar, em busca de uma sobrevivência que seus vizinhos da península Ibérica conseguiam mais largamente em seu território; por outro lado, a mentalidade marítima dos portugueses foi sempre mais amplamente demonstrada, não só no posicionamento de seus estabelecimentos coloniais, como na manutenção da capital em Lisboa, que Felipe II, mais interessado na política continental européia, interiorizou em Madrid.

O quarto e último fator, que a doutrina Mahan destaca, aborda a *política governamental* inglesa bem mais orientada para o mar, contrastando com a da França, de interesses hegemônicos no continente. Assim, da política de Henrique VIII transformando os solos agrícolas em campos de pastagens para a obtenção de lã de carneiro para as fábricas, seguidas pelas bases industriais lançadas Elizabeth I, colocaram a Inglaterra numa maior dependência do mar; dependência que o Ato de Navegação de Crom-

well (1851) veio não só acentuar, como sobretudo consagrar.

Dentro de seu dogma de concentração marítima do poder, Mahan achava que os Estados Unidos deviam aproximar-se da Inglaterra. A identidade psicossocial cimentada pelo fato dos Estados Unidos terem sua civilização oriunda da Inglaterra, levou Mahan a conceber essa aliança, pois só ela tornaria os dois países imbatíveis no mar.

Da Geopolítica Mahan extrapolou para o Geoestratégia, estabelecendo a *ligação do Poder Marítimo com a Política Nacional*. Mostrava então que os Estados Unidos reuniam fatores necessários ao desenvolvimento do Poder Marítimo, visto que o seu posicionamento, sua configuração fisiográfica e extensão territorial preenchiam tais requisitos. Num confronto, à luz da teoria de Mahan é também notória a importância do Brasil no âmbito regional do Atlântico-Sul:

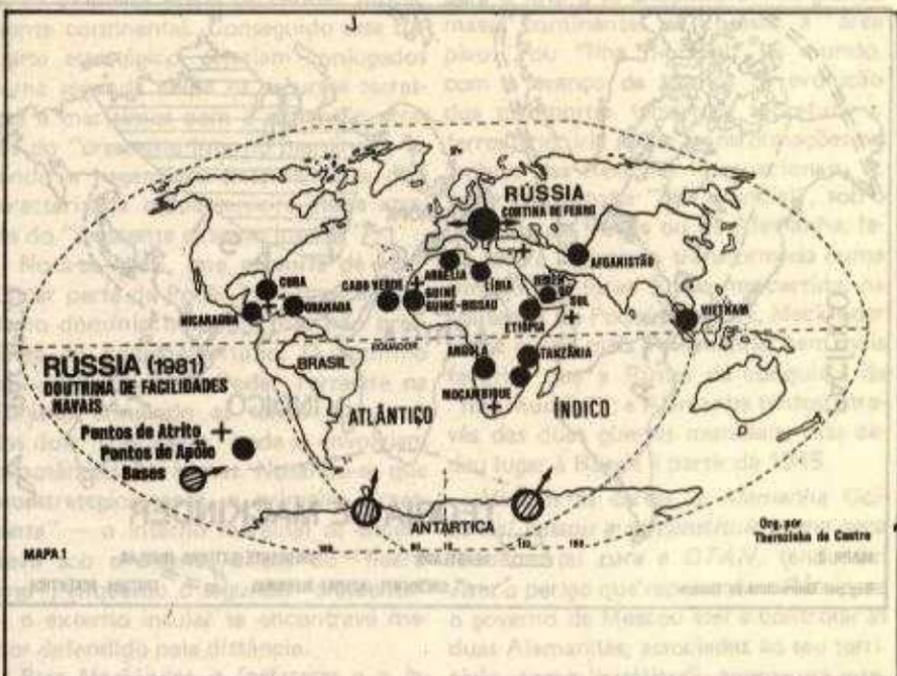
- 1º — Pelo posicionamento no saliente oriental do continente sul-americano, e por ser o possuidor da maior extensão de costa na área.
- 2º — Por se encontrar na área de estrangulamento do Atlântico (linha Natal-Dakar) e, portanto, na ante-sala das massas continentais situadas no hemisfério norte.
- 3º — Pelo caráter geohistórico que nos transmitiu o português, continuamos, a despeito de nossa continentalidade e políticas integracionistas, muito mais ligados ao mar; encontra-se à beira do Atlântico o nosso ecúmeno estatal, no nosso núcleo geohistórico, envolvendo 80% de nosso efetivo populacional. Mas, a despeito de tais vantagens não correspondemos materialmen-

te, tal como ocorria com os Estados Unidos, quando Mahan começou a defender a sua doutrina.

Defendendo o Poder Marítimo, Mahan teve influência na aquisição, pelos Estados Unidos, dos "glacis defensivos" formados pelos arquipélagos do Havaí e Filipinas na frente do Pacífico; bem como na abertura do canal do Panamá, elo de união entre as duas costas do país, e sua defesa mais efetiva com essa rota bem menor que a do Cabo Horn.

Em termos de geopolítica estratégica global esse princípio se liga ao "*network of naval facilities*" de Gorshkov, que trata de obter o maior número possível de facilidades navais que assegurem permanentemente à Marinha Soviética portos para estocamento e reabastecimento em tempos de guerra e paz, sem correr o risco das mudanças políticas. (Mapa 1) Procura Gorshkov fugir ao determinismo continental de Mackinder, e, reforçado por *Nicolas John Spykman*, de que o "centro da força econômica e militar da Rússia permanecerá sempre no extremo europeu". ("America's Strategy - 1928).

Sabe-se que Mahan sofreu, de início, grande oposição por parte da Escola de Alto Comando Naval de seu país, os Estados Unidos, à semelhança do que ocorreu com o Almirante Sergei Gorshkov até 1952, na Rússia, com a sua teoria de facilidades navais. Assim, dentro do princípio de que "santo de casa não faz milagres", o Almirante Alfred Tyler Mahan só começou a ser escutado nos Estados Unidos quando o Imperador Guilherme II da Alemanha se tornou seu discípulo e admirador, e o Almirante Togo recomendou a leitura da obra do geoestrategista estadunidense aos oficiais japoneses.



b) Teoria do Poder Terrestre — Halford J. Mackinder (1861-1946)

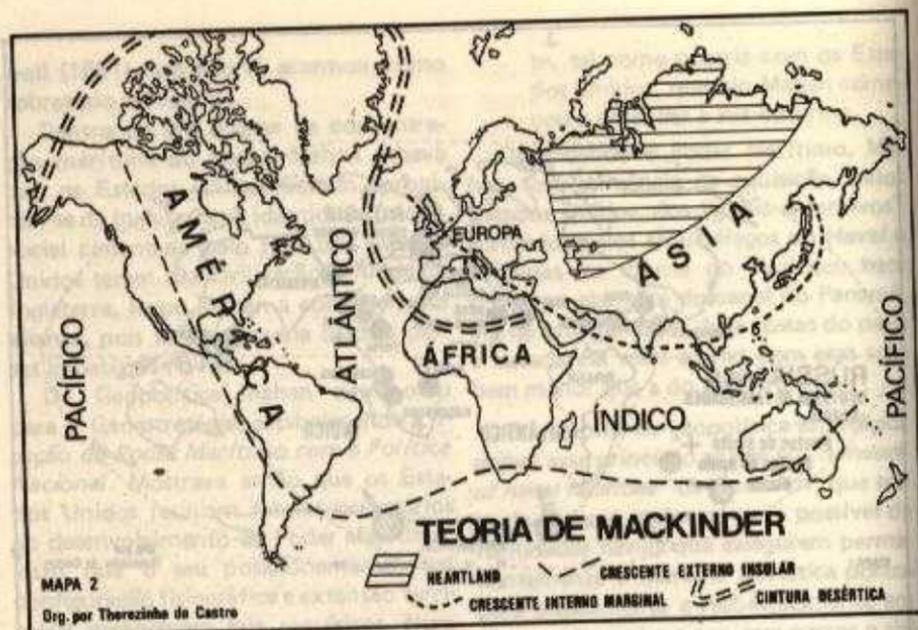
Analisando um mapa-mundi Sir Halford J. Mackinder notou que 75% das terras do Globo eram constituídas pela Europa, Ásia e África e que viviam aí mais de 9/10 da população. Concebeu, assim, para esse conjunto o que chamou de "ilha mundial", destacando-se o eixo central do hemisfério norte. Observando que partira da Europa Centro-Oriental a conquista dos bárbaros para o oeste e a dos cossacos para o leste, concebeu Mackinder aí o eixo do Poder Terrestre ao qual chamou de "heartland". (Mapa 2).

Um "heartland" de onde partiria o Poder Terrestre, por ser a área isolada dos oceanos, onde os próprios rios contribuíam para esse isolamento, perden-

do-se no Ártico gelado, ou nas salinas e bacias fechadas. Nessas condições, Mackinder fundamentou o seu "heartland" na inviolabilidade do Poder Terrestre, pois, posicionada na Eurásia, essa região geoestratégica, defrontando-se com o Ártico, bloqueado pelos gelos, constituía uma região protegida contra as ações do Poder Marítimo.

Segundo Mackinder, encontrava-se no "heartland" o espaço propulsor, o núcleo geohistórico, que uma vez se expandindo transformar-se-ia no centro do Poder Terrestre. Poder Terrestre com base na "ilha mundial" que envolve cerca da metade da Ásia e a quarta parte da Europa pré-asiática.

Por outro lado, a parte norte e interior da Eurásia, que devia o seu valor geoestratégico ao isolamento natural, tinha nesse mesmo fator o elemento para



o atraso de seu desenvolvimento. Nota-se assim, que, na teoria de Mackinder, a exclusão da mobilidade marítima, ou Poder Marítimo, constituía para essa área pivot um fator negativo. E, para contrabalançar esse fator negativo, Mackinder salientava o fator altamente positivo da área contígua, formada pelo "crescente interior ou marginal", abrangendo a Europa Ocidental e a Ásia Oriental, na qualidade de autêntica retaguarda geoestratégica para a defesa, em profundidade, do "heartland".

Note-se ainda que toda a força do Poder Terrestre se concentrava no hemisfério norte, muito embora, em sua visão global mundial, Mackinder não abrisse mão dos pontos de apoio no hemisfério sul, bem mais oceânico, classificando-os como "terras do crescente externo insular". Essas terras, ao sul do equador, en-

volvendo a América do Sul, parte da África e Austrália, unidas pela faixa do "crescente externo insular", se enquadravam no setor do derramamento oceânico enfiado pela plataforma giratória da Antártica.

Finalmente, entre o "crescente interno marginal" e o "crescente externo insular", se desenvolve a "cintura desértica" centrada no Sahara, fechando-se no Alasca e Ártico Canadense, envolvendo todo o polo Norte.

Assim, deduzia Mackinder em 1904, no seu trabalho de 44 páginas intitulado "The Geographical Pivot of History", de uma conferência proferida na Royal Geographical Society de Londres, que o fulcro ou inclinação do Poder Terrestre em favor da "ilha mundial" se formaria com o expansionismo do "heartland", como autêntico núcleo geohistórico,

numa primeira etapa de caráter nitidamente continental. Conseguindo esse baluarte estratégico, estariam conjugados numa segunda etapa os recursos terrestres e marítimos com a expansão através do "crescente interno marginal", ficando a hegemonia propriamente dita caracterizada numa terceira etapa através do "crescente externo insular".

Nota-se, pois, que a teoria de Mackinder parte do Poder Terrestre com base no domínio mundial, mas não prescinde do Poder Marítimo. O domínio mundial partiria do Poder Terrestre na Eurásia, atingindo as terras marginais dos dois "crescentes" onde se envolviam as potências marítimas. Notando-se que geoestrategicamente o primeiro "crescente" — o interno marginal se encontrava sob o alcance direto do "heartland"; enquanto o segundo "crescente" — o externo insular se encontrava melhor defendido pela distância.

Para Mackinder, a Inglaterra e o Japão representavam as potências marítimas do "Crescente Externo Marginal" em oposição à Rússia e à Alemanha, as potências terrestres. Assim, numa réplica da OTAN atual, a função da Inglaterra e do Japão era, segundo Mackinder, defender a região marginal a fim de manter o equilíbrio mundial, contrabalçando as forças interiores representadas pela Rússia e Alemanha.

O objetivo de Mackinder era, no entanto, o de defender a teoria de que o Poder Marítimo, no qual a Inglaterra baseara por muito tempo a sua liderança, não tinha mais aquela importância fundamental, uma vez que as perspectivas

para o futuro se encontravam na grande massa continental da Eurásia, a "área pivot" ou "ilha mundial". O mundo, com o avanço da técnica na evolução dos transportes terrestres, sobretudo o ferroviário, iria sofrer transformações no âmbito das Relações Internacionais. E, nesse contexto, a "ilha mundial", sob o domínio da Rússia ou da Alemanha, faria face à Inglaterra, transformada numa simples ilha local. Em contrapartida, na contenda do Poder Terrestre, Mackinder temia muito mais a Alemanha, bem mais favorita que a Rússia na conquista da "ilha mundial"; a Alemanha tentou através das duas guerras mundiais, mas cedeu lugar à Rússia a partir de 1945.

Viradas as cartas, a Alemanha Ocidental passou a se constituir numa peça fundamental para a OTAN, tendo em vista o perigo que representa a Rússia; se o governo de Moscou vier a controlar as duas Alemanhas, associadas ao seu território, como "satélites", conseguirá integrar todo o "heartland" de Mackinder.

A Rússia de hoje possui a maior área terrestre do Globo, como base para as suas ambições de hegemonia mundial, praticamente invulnerável ao Poder Marítimo, mas não ao Poder Aéreo. É, pois, na terceira dimensão, já que a terra e mar podem criar dificuldades, o ar que proporcionará livres oportunidades em todas as direções.

Foi o Poder Aéreo da Alemanha que fez frente, na Segunda Guerra Mundial, ao Poder Naval inglês. Embora a Inglaterra mantivesse o controle dos mares, a aviação alemã tornou difícil aos ingleses a operação em suas próprias águas. Assim, embora os ingleses controlassem os mares, seu território corria perigo de ser destruído pelos ares. Ante a nova realidade, os ingleses tiraram a aviação da simples categoria de arma de apoio pa-

* As três etapas podem ser, à guisa de comparação, perfeitamente delineadas se consultado o Mapa 1 onde, num autêntico "jogo de domínio", vem se implantando a doutrina de facilidades navais de Gorshkov.

ra as forças navais e terrestres; enquanto os Estados Unidos tratavam de obter bases aéreas no Ártico, no Canadá, na Islândia, na Groenlândia, nas Américas Central e do Sul para cercar, através da "cintura desértica" e "crescente interno insular", o expansionismo emanado da "ilha mundial".

Conclui-se então, que do mesmo modo que o Poder Terrestre tornando-se mais móvel reduziu a vantagem do Poder Marítimo, *caberia ao Poder Aéreo mudar o determinismo de Mahan e de Mackinder dentro do moderno possibilismo*. O contemporâneo Poder Aéreo anulou a imunidade histórica da Rússia, aberta por todos os lados e com um perímetro bem grande a ser defendido. Mas, como a um fator negativo pode vir a corresponder um outro positivo, a vastidão do território russo oferece maiores possibilidades na dispersão das indústrias vitais; e nesse caso é evidente a desvantagem geoestratégica que levam a Inglaterra, a França, a Alemanha e o Japão, sem espaço suficiente para a dispersão.

Para superar essa falta de espaço, os alemães trocaram-no pelo tempo na Segunda Guerra Mundial; assim, a "blitzkrieg" superou as condições geográficas do ataque, favorecendo a expansão da Alemanha pelas terras marginais. Foi, no entanto, o fator tempo que prejudicou a Alemanha; sua vitória nos primeiros estágios foi ofuscada porque a guerra se prolongou.

Hoje, ao tempo e ao espaço se sobrepõem as bombas atômicas, de hidrogênio ou de nêutrons; ao tempo e ao espaço se impõe a Guerra Meteorológica.

c) Confronto Mahan—Mackinder

Enquanto Mackinder centralizava as suas atenções na Alemanha, como o cen-

tro de seu "heartland", Mahan descrevia a Rússia como grande e ininterrupta massa territorial cujo centro não se poderia fragmentar.

Tendo assistido ao *advento do Poder Aéreo*, Mackinder modificou, em parte, o seu centro de reação do "crescente interno marginal", estendendo-o para os Estados Unidos, incluindo esse país americano na área de contenção do Poder Terrestre. Aceitou assim, o que Mahan predissera, que os Estados Unidos ao lado da Inglaterra e do Japão teriam um dia interesse comum de conter a Rússia e controlar a China.

Mackinder nascera na Inglaterra, a então maior potência naval da época; mas observara que, com o entrelaçamento das ferrovias na Europa, transporte pouco dispendioso para o Poder Econômico e Militar, o Poder Terrestre poderia ultrapassar o Marítimo. Já Mahan nascera nos Estados Unidos, país mais preocupado com o seu expansionismo continental, ainda afastado do Poder Marítimo; observou então que a dupla costa de seu país o levava ao "destino manifesto" do Poder Marítimo, sem o qual não poderia ser sustentada a base terrestre.

Mahan defendia o isolacionismo naval; acreditava que a superioridade do Poder Marítimo poderia manter o inimigo distanciado das costas e, estando estas seguras, não haveria a necessidade de enviar exército ao exterior. Persistia na crença da maior capacidade e flexibilidade do movimento por mar; morreu em 1914 quando se iniciava a Primeira Guerra Mundial, sem ter podido reformular a sua teoria, já que não presenciou o advento do Poder Aéreo.

Já Mackinder, quando em 1904 realizava na Royal Geographical Society de Londres a sua conferência sobre o Poder Terrestre, teve de imediato a contesta-

ção; dissertando sobre os progressos ferroviários, um de seus ouvintes, Amery, se levantou para dizer que o aeroplano poderia transformar as premissas do conferencista. Testemunha da Primeira Guerra Mundial, morreu Mackinder em 1946, logo após o término da Segunda Grande Guerra; e tendo presenciado o advento do Poder Aéreo conseguiu ainda, em parte, remanejar as suas idéias. *Dai Mackinder ser bem mais atual que Mahan.*

d) O Poder Aéreo

No momento em que a Teoria do Poder Terrestre procurava se sobrepor à do Poder Marítimo, estourava a Primeira Guerra Mundial, levando os estudiosos a aspectos geopolíticos mais globais no âmbito das Relações Internacionais. O fulcro da política se estendia para a América, até então marginalizada, e os Estados Unidos se faziam presentes numa guerra européia, enquanto o Poder Aéreo gerava uma Geopolítica Integralizada. Três fatores iriam participar de uma ação, e não somente o confronto de forças terrestres e navais, como nas lutas passadas.

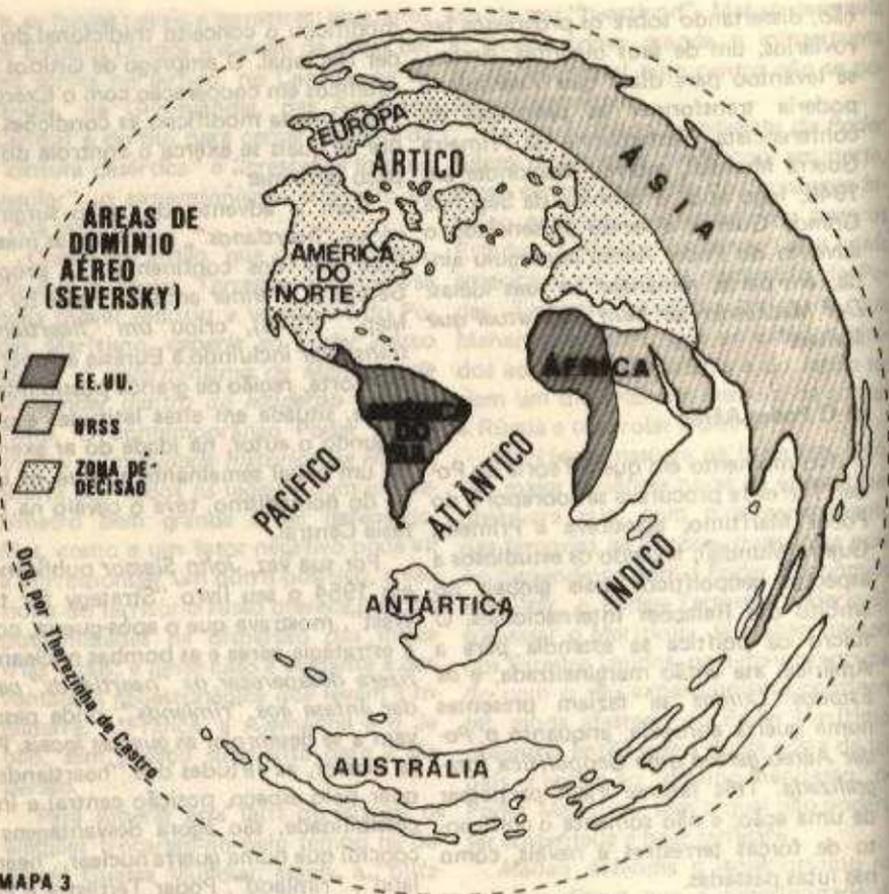
Em face do contexto, afirmava Joseph S. Roucek em seu livro "Geopolitics and Air Power", editado em 1958: "Hoje em dia as guerras não são utilizadas por motivos sentimentais. O ponto de decisão para adotar a atitude ofensiva ou defensiva é determinado pela Geopolítica. De quando em quando aparece uma arma ou um sistema de armas capaz de influir nessa decisão; normalmente ele muda o convencionalismo da guerra anterior, e uma nova estratégia tem que ser adotada. Em nosso século é o avião militar essa arma... Todos reconhecem que o tremendo desenvolvimento do Poder Aéreo

modificou o conceito tradicional do Poder Nacional. O emprego de Grupos Aerotáticos em cooperação com o Exército e a Armada modificou as condições sobre as quais se exerce o controle do espaço terra-mar".

Com o advento do avião surgiram vários "heartlands", incluindo as massas interiores dos continentes. O próprio George T. Renner em seu "Peace by the Map" (1944), criou um "heartland" transpolar incluindo a Eurásia e América do Norte, região de grande possibilidade aérea, situada em altas latitudes e que, segundo o autor, na idade do ar exerceria um papel semelhante ao que, na idade do nomadismo, teve o cavalo na Eurásia Central.

Por sua vez, John Slessor publicando em 1954 o seu livro "Strategy for the West", mostra que o pós-guerra, com a estratégia aérea e as bombas nucleares, fizera desaparecer os "heartlands" para dar ênfase aos "rimlands", onde passavam a se desenrolar as guerras locais. Para Slessor, as virtudes dos "heartlands", quer pelo espaço, posição central e inaccessibilidade, são agora desvantagens e conclui que numa guerra nuclear, "heartland", "rimland", Poder Terrestre e Poder Marítimo são "expressões de fraca significação".

Para Alexander Seversky, em seu livro "Air Power: Key to Survival" (1950), com a aviação tática contando com a vantagem de maior raio de ação e mais precisão a largas distâncias, o mundo deve ser estudado num mapa de projeção azimutal equidistante com centro no polo Norte; assim sendo, sua visão global aérea se aproxima, em parte, com a do "heartland" transpolar de Renner (Mapa 3). No entanto, Seversky dividiu o mundo em duas grandes áreas de domínio aéreo:



MAPA 3

- O raio de alcance da área de *domínio aéreo dos Estados Unidos* abrange todo o continente americano, parte norte da África, Europa e quase toda a Ásia, excetuando-se as penínsulas meridionais.
 - O raio de alcance da área de *domínio aéreo da Rússia* cobre toda a Eurásia, parte da África e América do Norte até o sul do México.
- Observa-se assim, que dentro do conceito de Seversky as duas grandes áreas se superpõem em algumas regiões, onde

se forma então a "área de decisão", envolvendo praticamente o hemisfério norte. O Ártico, por sua vez, se transforma no centro da "área de decisão", tendo na sua mira os "heartlands" industriais dos Estados Unidos e da Rússia.

Em se tratando do "rimland", Seversky chama especial atenção para a *América do Sul*, dentro da esfera de influência dos Estados Unidos e longe da mira soviética. E destaca nesse "rimland" a área indecisa da *África do Sul* que, uma vez na mira dos russos, se transformaria no

trampolim aéreo de onde facilmente poderiam ser alcançados o Brasil e a Argentina. Assim, no caso específico da América do Sul, afirma Seversky que, para prevenir, se torna necessária uma maior aproximação entre os Estados Unidos e esta área vulnerável, proteção para as rotas marítimas e, em caso extremo, a melhoria do transporte terrestre.

Data de 1950 o trabalho de Seversky, isso que se naturalizou nos Estados Unidos; e, curiosamente, no ano seguinte começava a ganhar as simpatias do Kremlin a Doutrina Gorshkov de facilidades navais. O Almirante Sergei Gorshkov há mais de vinte anos Comandante-em-Chefe da Marinha Soviética, um dos mais brilhantes estrategistas da História naval moderna, vem preconizando que a nave da defesa militar da Rússia reside na criação de uma Marinha de Guerra altamente sofisticada, capaz de responder às últimas inovações do campo inimigo em qualquer parte do Globo. Dentro do contexto, a Doutrina Gorshkov vem obtendo no Índico várias bases para a Rússia, que procura num "movimento de força" envolver a vulnerável República da África do Sul, debruçada sobre a rotunda do Cabo, ponto de passagem do petróleo que alimenta a Europa Ocidental (página 1).

GEOPOLÍTICA E PODER

Giulio Douhet, em seu livro "Domínio do Ar", publicado em 1927, ressalta a importância da aviação independente da Armada Aérea. Para Douhet, as Forças Armadas (Aeronáutica, Exército e Marinha) constituem um instrumento militar de três pontas; a Força Aérea constitui a ponta mais larga face às suas características ofensivas e sua facilidade de movimentar-se tanto no meio terres-

tre quanto no marítimo. Sabe-se que o Poder Militar é integrado pelos componentes militares do Poder Aeroespacial, do Poder Terrestre e do Poder Marítimo. Sabe-se também que as Forças Armadas (Aeronáutica, Marinha e Exército) são distintas e equivalentes, embora interdependentes no seu emprego. Nessas condições, quando necessário, conjugam seus esforços, muito embora nenhuma delas seja organização auxiliar da outra (Doutrina Aeroespacial da FAB).

Dentro desse raciocínio afirma Dennis W. Stites: "podemos esperar que os papéis das Forças Armadas transbordem e se misturem nas bordas, que oficiais de infantaria voem e que pilotos nadem, e, que muitas vezes, as operações militares sejam conjuntas" ("O Poder Aéreo: Nova Perspectiva Vista do Mesmo Ângulo" — 1975).

O avião diminuiu as distâncias, podendo atribuir duração bem mais curta a um conflito; e assim, o Poder Aeroespacial veio transformar a Geoestratégia numa arte mais difícil. Foi também o poderio nuclear, que, impondo a possibilidade de uma guerra global entre as duas superpotências, ampliando o cenário da confrontação entre a Rússia e os Estados Unidos, deu maior destaque ao Poder Aeroespacial. Caberia, pois, ao avião levar o poder hegemônico aos países dotados de grandes áreas terrestres e amplas fachadas marítimas.

A terceira dimensão do Poder acabaria por envolver no âmbito das Relações Internacionais o Polo Norte, onde se encontram frente a frente Rússia e Estados Unidos. E, coincidentemente, na ocasião em que Mackinder lançava a sua tese da continentalidade numa área protegida pelo Ártico, o senador canadense Pascal Poirier impunha a sua teoria dos setores

(1907); teoria que culminou com a partilha das ilhas do Ártico pelo sistema da defrontação. É justamente essa geopolítica da delimitação pela defrontação que vem sendo defendida por alguns países para a Antártica, que, à semelhança do Ártico, se deverá transformar num outro "mediterrâneo do ar".

Fato que está prestes a se realizar se começarmos por analisar a teoria do "rimland" de Nicolas John Spykman. Répelindo o fatalismo do Poder Terrestre, adotou Spykman uma visão mais global da tese de Mackinder, acrescentando-lhe o "rimland", predizendo logo após o término da Segunda Guerra Mundial a pressão da Rússia sobre essa área.

Reformulando a lógica da Geopolítica conclui Spykman que quem controla o "rimland" nas áreas periféricas do continente eurasiático, governa a Eurásia; e que quem controla a Eurásia controla os destinos do mundo.

Nas 66 páginas de sua obra "Geography of the Peace" (1949), Spykman empreza a Geopolítica como método de análise, levando-a a colaborar no planejamento da segurança nacional de cada país em função do fator geográfico. Daí afirmar textualmente: "Seria possível então considerar os problemas da segurança nacional de um país quanto ao fator geográfico de tal modo, que as conclusões possam vir a ser de utilidade para a formulação das diretrizes nacionais".

E foi justamente a essa política aplicada aos espaços geográficos estudada pela Geopolítica, que se associaria a Geoestratégica; esta, analisando os espaços geográficos do ponto de vista político-militar, induzindo ao Poder Marítimo, Terrestre e Aéreo; poderes repartidos por um mundo onde um hemisfério

eminentemente terrestre se contrapõe a um hemisfério essencialmente marítimo; e, nos extremos as regiões polares onde se encontram os desafios do espaço.

Enfim, a *Geopolítica do Poder* se reflete ainda no duelo ocidente-orientes; duelo que até bem pouco tempo se desenrolava apenas no hemisfério norte, mas que hoje já se desloca para o eixo sul. E foi assim que, nas fímbrias dos "crescentes", passou a se desenvolver toda a ação no âmbito das Relações Internacionais na busca de posicionamentos terrestres ou marítimos, mas que se lança na conquista do espaço.

CONCLUSÃO

Partindo-se de Ratzel veremos que o "lebensraum" representou muito mais como fonte de poder do que propriamente um apetite de matérias-primas. E, nesse contexto, o conceito de Poder Nacional se relaciona com a sobrevivência, ou seja, aquilo que se convencionou definir englobadamente como segurança. E só os Estados capacitados para garantir sua segurança são considerados Grandes Potências. Antes da primeira Guerra Mundial eram oito* os Estados considerados como "Grandes Potências", dos quais seis eram europeus; a Segunda Grande Guerra reduziu a dois: Estados Unidos e Rússia.

Em seu livro "The Power Inventory and National Strategy World Politic" (1954), Stephen B. Jones enumera os elementos de visão global baseados no conceito de Poder Nacional. O referido autor se baseia em dois componentes: o inventário e a estratégia. O inventário

* Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Áustria-Hungria, Itália, Japão e Estados Unidos.

equivale ao que Mackinder chamou de "man Settling" ou composição humana; inclui nesse inventário a população, a cultura e a base material, associando nesse componente o que Kjellen chamou de *Demopolítica e Fisiopolítica*.

Já a estratégia para Jones é o que se faz com aquilo que se possui; equivalendo ao que Mackinder chamou de "man travelling", traduzindo-se por bens móveis, incluindo-se assim na estratégia: a atmosfera, os oceanos e ilhas, os interiores continentais e periferia, além da região Norte. Observa-se, assim, que na estratégia se entrõsam terra-mar-ar com base no chamado mediterrâneo-Ártico, que se insere no que Jones chama de região Norte.

Justifica-se essa tendência pelo hemisfério Norte já esboçada na tese de Mackinder, pois é lá que se encontra, sobretudo no presente, o fulcro do Poder Mundial com duas Grandes Potências — Estados Unidos e Rússia se defrontando no âmbito das Relações Internacionais.

Observamos ainda que no conceito de Poder Nacional existe uma integração, que extrapolando o meio geográfico atinge o fator humano, que tanto Mahan como Mackinder destacam em suas teorias. E se hoje a *Geoestratégia*

considera os Poderes Marítimo, Aéreo e Terrestre, a Geopolítica também considera três os tipos de Poderes: o Real, o Latente e o Prestígio.

O Poder Real é o que se pode objetivar tomando como base o posicionamento, a extensão, os recursos naturais e a força. O Poder Latente é aquele que poderá ser mobilizado pelo Estado com o empenho total de tudo quanto ele tem de disponível. O Poder Prestígio não pode ser calculado nem medido, pois é simplesmente atribuído a um Estado pelos demais Estados; e, sendo uma incógnita, é perigoso, pois uma estimativa falsa pode levar um Estado a uma escolha fatal, a uma linha de ação não apropriada.

Observamos, pois, que os padrões geopolíticos são, em inúmeros casos, semelhantes a "quebra-cabeças" de armar aos quais faltam algumas peças. Por isso, afirma W. W. Atwood competir ao geopolítico "elaborar profundos estudos práticos em cooperação com os historiadores e economistas de cada uma das zonas de perigo"; e só assim se poderá vir a ter "uma boa compreensão das causas que podem provocar perturbações, bem servindo para eliminar o perigo dessas mesmas perturbações" ("The Increasing Significance of Geographical Conditions

Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencista. Entre suas obras publicadas destaca-se o livro "Rumo à Antártica" (Livraria Freitas Bastos, 1976, Rio de Janeiro), no qual advoga o direito do Brasil a uma nesga do continente antártico.

Geopolítica: Propósitos e Teorias do Poder

in the Growth of Nation States" — Annals of the American Association of Geographers — Volume XXV — N. York, 1935).

Nessas condições, a Geopolítica deve reunir o técnico-político e, no dizer de Haushoffer, o geopolítico deve "possuir os talentos do bom jornalista e seu agudo senso noticioso, a instrução de um oficial de estado-maior com sua apreciação exata das mais diversas informações e a sóbria erudição do sábio"

(Piedras Angulares de la Geopolítica 1928).

Devemos notar que no passado as ações do diplomata e do militar se exerciam em tempos diversos e sobre objetos diferentes; hoje o exercício é conjunto, em função da cada vez maior interdependência político-estratégica. Por isso, o geopolítico, em seus propósitos tem hoje que olhar para a frente e não para trás e calcular o que irá acontecer, não tanto o que aconteceu.

